



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CAMPUS PROF. ALBERTO CARVALHO
DEPARTAMENTO DE LETRAS

EDIMARKS DA SILVA MENEZES

A REPRESENTAÇÃO DE ZÉ PEIXE EM DOIS CORDÉIS SERGIPANOS

ITABAIANA/SE

2026

EDIMARKS DA SILVA MENEZES

A REPRESENTAÇÃO DE ZÉ PEIXE EM DOIS CORDÉIS SERGIPANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

ITABAIANA/SE

2026

EDIMARKS DA SILVA MENEZES

A REPRESENTAÇÃO DE ZÉ PEIXE EM DOIS CORDÉIS SERGIPANOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras de Itabaiana (DLI), da Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para obtenção do título de Licenciado(a) em Letras – Português.

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira.

Aprovado em 6 de janeiro de 2026

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFS)
ORIENTADOR

Prof. Me. Ramon de Oliveira Sousa (UFMA)

À minha mãe, que, quando eu já não tinha mais forças, foi o meu refúgio; e, quando me faltou o chão, tornou-se a minha segurança. Também a todos que vieram antes de mim, para que hoje eu pudesse ser quem sou.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de agradecer por tantos momentos vividos, momentos importantes e de dedicação durante a trajetória que é a graduação. Esse momento é hora de agradecer e reconhecer por meio de palavras todo apoio que tive durante a jornada, incentivo fundamental para que eu não desistisse. Não é um momento fácil, na verdade a universidade não é um lugar fácil, parafraseando Supercombo, digo que esse lugar é como uma mãe que faz o café e por mais que os filhos não goste de vegetais, obriga os filhos a comer, pois fará bem. Dou um tchau com sentimento de até logo, esse lugar sempre será minha casa. Saio, mas deixo parte de mim aqui, foram muitos momentos de entrega, ideias, vislumbres e raivas, porém acima de todo desgaste estava o prazer em descobrir, compartilhar, e sobretudo aprender.

Espero manter cada conexão que criei aqui, lembrar sempre das memórias, risos e lágrimas que soltei, assim sei de onde venho, e dessa forma, sei também para onde quero ir. A UFS me possibilitou novos olhares, permitiu que eu me reconhecesse e entendesse que não temos certezas, mas que as incertezas são nossas aliadas para descobrir o mundo.

Inicialmente agradeço a Deus, que para mim é um ser de suprema consciência e sabedoria. Dou graças por tudo que vós colocastes no meu caminho e me deu forças para continuar vivo, estudando e me dedicando cada dia, cada pesquisa e em cada momento durante o curso e a vida.

De forma muito especial, agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Fábio José Santos de Oliveira, a base deste trabalho. Agradeço por toda orientação durante o curso, por cada projeto, cada aula magnífica e por toda partilha de conhecimento. Obrigado pela paciência, instrução e gentileza em cada momento desse curso, será sempre lembrado e carregarei um pouco de ti em mim. O senhor é gigante.

Agradeço à minha mãe, Edilma, que sempre foi meu chão quando achei que tinha perdido por onde andar. Por sua vez, continuo agradecendo, além de chão foi o meu oxigênio durante toda minha jornada, elemento catalisador que sempre me impulsiona e acredita em mim, até nos dias que o próprio eu queria desistir. Furamos essa bolha juntos. Obrigado por permanecer comigo todos os dias até aqui, sem ti não seria nada. Eu amo você.

Nesse espaço também dedico agradecimentos a Jaqueline Almeida que esteve comigo durante a jornada. Você deixa meus dias mais leves. Obrigado por permanecer até nos momentos mais difíceis, você faz a vida mais feliz e colorida. A universidade, assim como eu, fica mais tolerável com sua presença continue sendo alegria revigorante.

A universidade nos uniu novamente, você é fundamental em minha vida. Minhas palavras se estendem também a Marine Farias, obrigado por todo apoio, você foi mar quando eu precisava de calma. Agradeço por tudo que fez e faz por mim, pela paciência e as ligações demoradas de outrora, sem dúvidas, você foi um presente gigante que a universidade me deu.

Durante a universidade fiz tantos amigos, assim como também mantive muitos que já fazem história comigo para além desse campo. Agradeço por tudo e tanto aos amigos: Jéssica Viana, Adriele Barreto, Eliliane, Igor – que sempre emprestou seus livros e alguns eu não devolverei –, Mateus, Luana, Valéria, Breno, Laura Byanca, Mavi, Camila Farias e tantos outros que peço perdão por não citar aqui, vocês são parte de mim.

De uma forma inefável gostaria de agradecer a Éverton, você sempre estará no meu coração. Obrigado por tudo e por me salvar muitas das vezes, você é a calma e doçura que mundo precisa. Continue com esse coração incrível. Ainda lembro de nossas primeiras aulas, levarei o ensinamento de literatura e de vida comigo. Agradeço a Jonas que todos os dias ouviu minhas reclamações, vitórias e afagos, obrigado por todas as orações.

Agradeço a Vitor Silva que chegou recente e ao final desse trabalho, mas em todos os momentos me apoiou, me suportou e ressignificou tantas coisas, agradeço pela força e paciência.

Aos professores, sou grato por todo conhecimento transmitido, dedicação e por serem inspiração em minha vida, todo conhecimento foi transformador, obrigado por cada gentileza e não medirem esforço em me ajudar sempre que precisei. Sou filho do DLI, e carregarei com orgulho essa marca.

Com o coração cheio de afeto, agradeço à Prof^a. Dr^a. Christina Ramalho, que, com carinho me acolheu, apoiou e sempre me deu colo. Christina, ou diva épica como eu a chamo, sempre me proporcionou inúmeras experiências. Esse TCC também é fruto seu. Lembrarei eternamente todos os momentos, ressalto nossa conversa em Fortaleza, essa alimentou minha alma, inclusive trago uma frase comigo sempre, “o não, não é sentença, é situação”, quando lembro encontro forças para continuar. Sou grato por tudo e tanto. À Prof^a. Dr^a. Márcia Mariano pessoa que me apresentou a retórica de forma leve e divertida, disciplina que cursei duas vezes, uma por obrigação, outra por prazer. Obrigado por todo carinho de sempre.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à Prof^a. Dr^a. Sara Rogéria, obrigado por pegar minha mão e me ensinar tanto, nunca me disse que algo era

impossível, permitiu que eu tentasse e juntos conseguimos. Obrigado por me receber e pedi para que eu ligasse tarde da noite, você é incrível. À Prof^ª. Dr^ª. Gabriela agradeço por ser esse ser tão gentil, humano e empático, devo muito a você. Obrigado por confiar em mim, você é inspiração para mim em diversos níveis, sou grato por mostrar que a universidade por se ser descontraída, divertida e descolada. Você é gigante.

Agradeço ao Departamento de Letras de Itabaiana de forma geral, obrigado ao corpo docente que me permitiu crescer e ver outros olhares. Sou grato à professora Vilma, à professora Luciene, à professora Iasmim, à professora Júlia, ao professor Rosalvo, ao professor João Paulo, ao professor Beto. Vocês me ensinaram muito, não cabe todo agradecimento nessas laudas. Ao nosso eterno secretário Kadu que sempre acolheu minhas dúvidas e abraçou muitas das vezes meu desespero.

Para além do departamento de Letras, faço meus agradecimentos a outros, o Departamento de Educação que na figura dos professores João Paulo, Simone Paixão e tantos outros que me acolheu como alunos muitas das vezes. Ao departamento de Geografia que tive trocas incríveis. À professora Vanessa, Fabrícia e aos demais que me proporcionaram fazer conexões entre tantos assuntos que tenho interesse e permitiu que a literatura conversasse com outras áreas dos saberes.

À DIPEXI setor que pude conhecer tantos amigos, Cleide que é sinônimo de elegância e amorosidade, Brenda que sempre é afago e alegria para o peito, Sérgio que sempre me ensina algo de forma calorosa e gritante, dono de uma originalidade monstruosa. Entre tantas pessoas que conheci nesse lugar vocês são portos seguros para mim. Agradeço a Cássia, sinônimo de força, garra e leitora sofisticada, você é inspiração por onde passa. Agradeço também a Tatiana que me ensinou muito, certamente seus conhecimentos não encontrarei em livros acadêmicos, deixo meu muito obrigado.

Para tanto, enquanto graduando conheci diversas pessoas, alguns chamei de irmãos, irmãs, mães, pais, e até de filhos. Torna-se impossível registrar todos aqui, mas saibam que carrego um pouco de cada um comigo, isso me faz um pouco mais forte. Agradeço a quem veio primeiro que eu, agradeço aos meus iguais, também deixo forças e apoio para todos que vieram e ainda estão por vir, nenhuma conquista é individual.

Agradeço a todos os momentos que tive que parar para respirar, a todos segundos que tive que me afastar e acreditar que isso aqui era possível. Apenas uma fase. Agradeço ao tempo, ao mar e a espiritualidade, só eu sei como vocês estiveram presentes.

Mãe, seu filho está formado pela Universidade Federal de Sergipe, você conseguiu.

RESUMO

Este estudo investiga a vida de Zé Peixe, prático sergipano, representado em dois cordéis de literatura sergipana, *Zé Peixe, o amigo do mar* (2013), escrito pelos também sergipanos João Firmino Cabral e Rodrigo Dantas, e *O homem peixe*, de Zé Antônio. Diante disso, entende-se como objetivo geral compreender como o cordel constrói e apresenta a imagem de Zé, para analisar esses cordéis, foi necessário nos debruçarmos em textos teóricos de Márcia Abreu (1999), Candido (2007), Brait (2006) e Bakhtin (1997). Em conjunto, auxiliaram a fundamentar esse trabalho. Dessa forma, a metodologia é qualitativa, baseada em pesquisas bibliográficas e, também, descritiva-analítica, a escolha dessas obras justifica-se pela importância histórica e social de Zé Peixe no estado de Sergipe, prático que atuou na Marinha durante grande parte de sua vida, contudo seus feitos na água ultrapassavam o âmbito do trabalho, sendo o salva-vidas de inúmeras pessoas. Outrossim, a justificativa se amplia pela importância de se ampliarem as discussões sobre a literatura sergipana, sobretudo quando os textos retratam a sergipanidade.

Palavras-chave: Literatura de cordel; Zé Peixe; Zé Peixe, o amigo do mar; O homem peixe.

ABSTRACT

This study investigates the life of Zé Peixe, a practical man from Sergipe, represented in two cordel literature works from Sergipe, *Zé Peixe, o amigo do mar* (Zé Peixe, the friend of the sea) (2013), written by João Firmino Cabral and Rodrigo Dantas, also from Sergipe, and *O homem peixe* (The fish man), by Zé Antônio. To analyze these cordel literature works, it was necessary to study theoretical texts by Márcia Abreu (1999), Candido (2007), Brait (2006), and Bakhtin (1997). Together, they helped to substantiate this work. Thus, the methodology is qualitative, based on bibliographic research and also descriptive-analytical. The choice of these works is justified by the historical and social importance of Zé Peixe in the state of Sergipe, a sailor who served in the Navy for most of his life, but whose achievements in the water went beyond the scope of his work, as he saved the lives of countless people. Furthermore, the justification is amplified by the importance of broadening discussions about Sergipe literature, especially when the texts portray Sergipe identity.

Keywords: cordel literature; Zé Peixe; Zé Peixe, friend of the sea; The fish man.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 ENTRE REALIDADE E FICÇÃO	12
2 ENTRE ÁGUAS E HISTÓRIA: A VIDA DE ZÉ PEIXE.....	17
3 A VIDA DE ZÉ PEIXE REPRESENTADA EM DOIS CORDÉIS	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

A literatura de cordel desde sempre tem sido uma grande potência para falar sobre diversos assuntos. Sempre há inúmeras perspectivas de trabalho com esse tipo de literatura, partindo da alfabetização na educação básica à pesquisa no meio universitário. Hoje, vemos grandes cordelistas sergipanos como Chiquinho Além do Mar, Zezé de Boquim e Salete Nascimento, contudo antes desses majestosos cordelistas ganharem forma, a literatura de cordel já estava presente em Sergipe.

João Firmino Cabral, Rodrigo Dórea e Zé Antônio são cordelistas que retratam as vivências sergipanas em seus cordéis. Sendo assim, há diversas possibilidades de olharmos para a cultura e a história sergipana. Para tanto, como *corpus* dessa pesquisa delimitamos dois cordéis sergipanos, *Zé Peixe – o amigo do mar*, de João Firmino Cabral e Rodrigo Dórea, e *homem-peixe*, de Zé Antônio. Diante disso, buscamos compreender como o cordel constrói e apresenta a imagem de Zé Peixe, e quais recursos literários e/ou históricos contribuíram para transformar a figura sergipana em personagem de literatura, também como objetivos específicos buscamos entender como é feita a construção de uma personagem, também buscar a biografia do sergipano representado nos textos literários, e por fim analisar os cordéis dos dois autores sergipanos. Zé Peixe, prático sergipano concursado pela marinha, dedicou sua vida durante anos às águas de Sergipe, fazendo assim um trabalho importante de guiar as embarcações pelo trajeto mais seguro, assim sua familiaridade com a água ajudou a salvar inúmeras visitas de afogamentos na cidade de Aracaju.

A justificativa para a escolha desse estudo se dá em múltiplos níveis. A rigor, interesse fundamental para desenvolver essa pesquisa é a figura de Zé Peixe como identidade emblemática da cultura sergipana, cuja história ultrapassa o teor biográfico e transborda para a literatura. Outrossim, não há análises acadêmicas monográficas voltadas para a representação de Zé Peixe em textos literários. Isso reforça a originalidade e pertinência desse estudo que se torna um objeto fundamental para se ampliar o conhecimento sobre a literatura sergipana e pessoas históricas que vivem em Sergipe.

Dessa forma, a pesquisa se estruturou em algumas etapas, entre elas a visita a arcabouços teóricos como Abreu (1999), Candido (2007) e Bakhtin (1997). Evidenciamos que os componentes desse estudo se dão em três partes, o capítulo inicial, “Entre realidade e ficção”, falará sobre o aporte teórico que dará norte para que esse trabalho seja feito, a segunda parte, “Entre águas e história: a vida de Zé Peixe”, falará sobre a biografia de Zé

Peixe, buscando compreender nos cordéis onde aparece relatos históricos e/ou ficcionais, por fim, a última parte, trata uma análise dos cordéis aqui trabalhado, *Zé Peixe – o amigo do mar*, de João Firmino Cabral e Rodrigo Dórea, e *homem-peixe*, de Zé Antônio. Inicialmente, focamos nos elementos que sustentam a configuração da literatura de cordel e a construção de personagens na literatura.

Em seguida, fazemos uma investigação acerca da vida histórica de Zé Peixe, relatando suas vivências e atuações em Sergipe, além de seu reconhecimento em outros estados brasileiros. Por fim, a última parte dessa pesquisa se concentra na análise formal e discursiva do cordel, assim como a interpretação dos versos e estrofes dos cordéis.

Espera-se que a pesquisa possa de alguma forma fortalecer os estudos acerca da literatura sergipana, a rigor os folhetos de cordel. Ressaltamos também que a pesquisa tem a perspectiva de valorizar a histórica e identidade sergipana, resgatando a figura de Zé Peixe, e o cordel como instrumento de registro que amplia as possibilidades de evidência de uma cultura.

1 ENTRE REALIDADE E FICÇÃO

Nos últimos anos há uma reverberação acerca da literatura de cordel, seja como produção de cultura, seja como prática de ensino, seja como material biográfico, seja como material de pesquisas. Logo, antes de tudo, é necessário nos debruçarmos sobre a questão terminológica e também entendemos a origem desse tipo de literatura. A expressão “[...] ‘ literatura de cordel ’ passa a ser empregada pelos estudiosos a partir da década de 1970, importando o termo português que, lá sim, é empregado popularmente” (Abreu, 1999, p. 17-18).

Assim, a denominação “de cordel” surge diante do fato de os folhetos serem expostos para a comercialização pendurados em cordéis (Abreu, 1999). A nomenclatura para esses escritos também faz referência ao modo como era vendido em Portugal. Márcia Abreu afirma que os cordéis são também conhecidos como literatura de cego, pois a venda dos folhetos era feita juntamente com livros de orações, jornais ou caixa de fósforo, e essa designação nasce a partir de cegos ou papelistas exporem o material pendente em um barbante. A nomenclatura nasce a partir da forma como é comercializado (Abreu, 1999, p. 20-22).

Dessa forma, pensando a partir dos estudos da década de 70, aqui utilizaremos os termos literatura de cordel ou o termo cordel para nos referimos a esse tipo de produção. A partir dessa perspectiva, é possível que o cordel se ancore em práticas orais e tradicionais, ampliando as possibilidades de formas expressivas. Nesse sentido, Ruth Terra (1983) observa que os poetas populares são herdeiros da literatura oral e das cantorias do Nordeste:

Os poetas populares são herdeiros da temática da literatura oral, e de certo modo, das cantorias que ocorriam no Nordeste desde pelo menos meados do século XIX. A temática dos folhetos é, contudo, mais ampla. O poeta popular, além de detentor da tradição comum à literatura oral, qual o cantador, urde desafios, de sua parte, tematiza o cotidiano (Terra, 1983, p. 17).

Ou seja, aqui Ruth Terra reflete que a temática do cordel não se prendeu apenas aos desafios, mas se entendeu também para outras categorias, como poemas e romances, explorando também a temática do cotidiano, e em diversos eixos, como no caso dos cordéis autobiográficos e biográficos. Assim, Silva e Silva (2022) ao estudarem sobre o cordel biográfico e autobiográfico, confirmam isso ao falar que “a temática do cordel brasileiro não se prendeu somente ao desafio, estendendo-se para outras categorias como

os poemas de época e os romances e histórias das quais fazem parte os folhetos biográficos [...] (Silva; Silva, 2022, p. 14).

Hoje é possível ver diversos tipos de cordéis, chegando até como adaptação de grandes obras da literatura, a exemplo do cordel *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (2021), de Stélio Torquato Lima, cordelista cearense. Essa adaptação revela o poder da criatividade e da memória do cordelista, evidenciando que o cordel materializa as lembranças e os fatos guardados em sua memória. Segundo Lima (2021), o autor busca inspiração em suas leituras para criar sua obra, o que permite também uma recriação da realidade com intenções e símbolos:

Este mundo fictício ou mimético que frequentemente reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade empírica exterior à obra, torna-se, portanto, representativo para algo além dele, principalmente além da realidade empírica, mas imanente à obra (Rosenfeld, 2007, p. 14).

No universo da ficção, os símbolos e ações ganham uma narrativa própria e com as regras que o autor estabelece em mundo ficcional. O escritor representa ideias, emoções e tudo aquilo que queira semelhante ao palpável, mas não é limitado a isso. Ao pensar sobre a autobiografia, Silva e Silva (2022) falam que:

O cordelista – já que se trata de autobiografia em cordel – busca, em sua própria memória, fatos de sua vida que lhe marcaram e transmite essas reminiscências em linguagem poética. Entretanto, não se pode pensar que o poeta fica passivo e neutro a sua própria recordação; pelo contrário, ao escrever sobre si, ele não só se recorda, mas interpreta, seleciona, omite, modifica, organiza, descarta e destaca as próprias memórias segundo seus objetivos e interesses (Silva; Silva, 2022, p. 14).

O cordelista, ao tratar de uma autobiografia, fica sujeito às próprias suas memórias ou ao que quer mostrar. Anatol Rosenfeld fala que “todo texto, artístico ou não, ficcional ou não, projeta tais contextos objectuais puramente intencionais’ que podem referir-se ou não a objetos onticamente autônomos” (2007, p. 8). Logo, em todo tipo de texto há uma intenção de mostrar algo. Nesse caso, o próprio autor quer mostrar um ponto de sua vida.

A biografia é a narrativa da vida de um indivíduo, mas que é escrita por outro. Aqui cabe uma reflexão de Antonio Candido: “o que é possível dizer, para finalizar, é que a natureza da personagem depende em parte da concepção que preside o romance e das intenções do romancista” (Candido, 2007, p. 56-57). Dessa forma, Antonio Candido traça uma perspectiva de personagem partindo da ótica do autor:

a verossimilhança propriamente dita, — que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção

igual a vida), — acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil (Candido, 2007, p. 57).

Ou seja, o que faz uma personagem parecer verdadeiro é a comparação entre o texto literário e o mundo histórico. Logo achamos que a personagem é convincente quando ela se parece com aquilo que está em nossa volta. O autor também afirma que a forma como o texto é construído também colabora para essa associação com o mundo em que o leitor vive.

O conceito proposto por Brait (2006) também se enquadra aqui ao falar da criação da personagem no âmbito ficcional: “ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidos a partir dos recursos utilizados para a criação” (Brait, 2006, p. 31). Desse modo, um ser externo é quem conta a história e toma o controle da vida narrada nos textos, contudo, relato não consegue ser totalmente fiel à vida da pessoa retratada, pois “[...] concluímos que a noção a respeito de um ser, elaborada por outro ser, é sempre incompleta, em relação à percepção física inicial. E que o conhecimento dos seres é fragmentário [...]” (Rosenfeld, 2007, p. 41). Rosenfeld pensa sobre a limitação de quem escreve ao descrever o outro a partir de uma perspectiva visual (de apenas conseguir notar o outro fisicamente). Essa representação é conceituada por Bakhtin (1997) como excedente da visão estética. Levando-se em conta a criação da personagem sob a perspectiva de outra pessoa, trata-se de conhecimento limitado sobre o outro, nessa perspectiva Bakhtin também reflete e afirma que:

Esse excedente constante de minha visão e de meu conhecimento a respeito do outro, é condicionado pelo lugar que sou o único a ocupar no mundo: neste lugar, neste instante preciso, num conjunto de dadas circunstâncias — todos os outros se situam fora de mim (Bakhtin, 1997, p. 43).

Dessa maneira, os autores, ao criarem uma personagem a partir de uma perspectiva física, nunca conhecerão por completo a pessoa que inspira a sua criação, de modo que, os autores estão limitados aos estágios físicos e visuais. Assim, pensando sobre a criação das personagens, só conhecemos as personagens de ficção a partir das construções dos autores. Ainda que a fidelidade aos fatos seja uma pretensão do autor aos construir uma narrativa biográfica, isso se torna um desafio. Ao falar de outro sujeito, sem poder assumir sua subjetividade, o autor limita-se a observá-lo externamente.

Então, os relatos biográficos ou autobiográficos tendem a não abarcar toda a trajetória da vida de uma pessoa, mas a relatar aquilo que escritor quer focar, dando mais espaço para seus interesses em detrimentos de outros fatos:

É perfeitamente possível que haja referência indireta a vivências reais; estas, porém, foram transfiguradas pela energia da imaginação e da linguagem poética que visam a uma expressão “mais verdadeira”, mais definitiva e mais absoluta do que outros textos (Rosenfeld, 2007, p. 22).

Nessa ótica, é possível afirmar que, mesmo sendo composto por uma base que parte de uma experiência real, o texto passa por um processo de transformação, essa transformação se dará pela imaginação do autor, que pode reinventar, acrescentar fatos ou articular os acontecimentos de forma diferente, para melhor construção ou enfoque de sua obra.

Assim, o que confirma o teor biográfico das narrativas de cordéis são as associações a figuras históricas, assim como títulos dos folhetos, que podem relatar algo de pessoas representadas. Ademais, a confirmação do autor também pode indicar um texto biográfico. Silva e Silva (2022) falam sobre a associação dos títulos dos cordéis ao caráter biográfico:

No que diz respeito à linguagem verbal dos folhetos autobiográficos e biográficos, destacam-se dois aspectos. O primeiro se refere ao título que, predominantemente, é composto pelo nome ou alcunha da pessoa biografada, podendo ser seguido por uma característica significativa dela, funcionando como subtítulo (Silva e Silva, 2022, p. 17).

Dessa forma, o destaque que é dado aos títulos dos folhetos revela que, e antes mesmo de adentrar ao texto, o folheto transforma o indivíduo comum em personagem. Segundo os autores, os folhetos autobiográficos e biográficos se destacam pela composição dos títulos, que, em sua maioria, trazem em sua composição o nome da pessoa alguma característica significativa dela como subtítulo. A princípio, é que vemos no cordel *Zé peixe – O amigo do mar* (2013). Primeiramente, apresenta-se o nome como é conhecido, e, posteriormente, uma característica dada à personagem biográfica partindo dos seus feitos. No segundo caso, o cordel *O Homem Peixe* (2013) não traz o nome da personagem, mas apresenta uma característica relacionada a ele. Desse modo, os cordéis que contam a vida de um indivíduo terão um reconhecimento relacionado a uma figura histórica. Esse papel de enaltecimento cabe ao cordelista, que opta por recorrer à sua memória ou à memória coletiva para evidenciar alguns fatos.

Nessa perspectiva biográfica, podemos pensar acerca da personagem que habita a História e a personagem que habita o campo literário do cordel. Assim, refletindo sobre a figura central dos cordéis, notamos essa dualidade de existência, a existência histórica e a existência literária. Diante disso, os feitos históricos são fundamentais para se

compreenderem os fatos como, por exemplo, o caso do barco Mercury, que Zé Peixe salvou toda a tripulação, e é algo que nos leva a entender o imaginário cultural da sociedade e de seu tempo, ou através do tempo. Desse modo, é natural que algumas produções literárias tenham o plano histórico como estrutura.

Assim, os autores desses cordéis recorreram a fatos históricos da vida de Zé Peixe, o que condiz com o que Candido afirma: “Personagens construídas a partir de um modelo real, conhecido pelo escritor, que serve de eixo, ou ponto de partida” (Candido, 2007, p. 68). A personagem tem um ponto de partida, ou seja, não nasceu apenas da cabeça do autor, mas emerge de uma cultura que, ao longo do tempo, vai transformando figuras histórias em símbolos marcantes. Assim como a pessoa real que lhe serve de base irá passar também por uma construção coletiva que carrega memórias, narrativas e valores locais, isso torna-se também um dos pontos de partida para a criação literária. Ainda pensando sobre essa construção da personagem a partir da historiografia, Silva e Ramalho (2007, p. 54) falam que “no exato momento em que ocorre, o feito histórico é apenas realidade e o seu relato é história”, ou seja, trata-se de algo documental, contudo, se esse ser foge dos padrões normais da realidade de um povo, é possível que a pessoa seja lida como ficção.

Assim, diante do exposto, entendemos que Zé Peixe, pessoa histórica, serve de ponto de partida para a construção alguns cordéis. Logo, pensando nessa construção a partir de um olhar sobre a vida do sergipano, é importante examinar aspectos e atos históricos presentes na sua vida para entendemos como esses cordelistas articulam realidade e ficção.

2 ENTRE ÁGUAS E HISTÓRIA: A VIDA DE ZÉ PEIXE

José Martins Ribeiro Nunes, nascido em 5 de janeiro de 1927 na cidade de Aracaju, Sergipe, filho de Vetúria Martins Ribeiro Nunes e Nicanor Ribeiro Nunes. Seu pai ocupou cargos importantes como, por exemplo, de secretário-Geral do Estado, e sua mãe, professora. Contudo, o filho de trabalhadores com cargos importantes não quis seguir nenhum dos dois caminhos. Osmário Santos (2004), que fala sobre figuras populares de Sergipe, comenta um pouco sobre a trajetória de José Martins e pontua sobre essa perspectiva: “sua mãe, sendo professora, ensinou na Escola Normal, José Martins não era chegado aos estudos. Sua grande fascinação sempre foi o mar” (Santos, 2004, p. 517).

Os pais, que o ensinaram a nadar em sua casa em frente ao rio Sergipe (Mello, 2014, p. 1141), tentavam fazer com que o garoto Martins fosse à escola. Primeiramente, ele foi matriculado para fazer o primário no Colégio Nossa Senhora da Conceição, depois cursou o ginásio, atualmente correspondendo aos anos finais do Ensino Fundamental. Passou pelo Colégio Estadual Atheneu Sergipense, mas foi no Colégio Estadual Tobias Barreto que acabou abandonando os estudos (Santos, 2004, p. 518). Enquanto garoto, Zé tomava banho no Rio Sergipe e, aos dez anos, já atravessava o rio. Diante desse comportamento nas águas, o capitão dos Portos, Aldo Souza Sá Brito, batizou o garoto com o apelido de Zé Peixe (Mello, 2014).

Conhecido também como “Homem-Peixe”, sua conexão com a água era algo evidente, de modo que ao passar do tempo suas práticas foram sendo reconhecidas e seu conhecimento dos caminhos mais seguros para as embarcações fez com que Zé Peixe passasse a auxiliar os práticos durante o serviço de conduzir as embarcações de grande porte pelo rio Sergipe. Outrossim, Luciano Meneghello (2025) afirma que “mesmo com todo seu conhecimento na praticagem, ele só seria admitido oficialmente na profissão em 1947, após passar no concurso realizado pela Capitania dos Portos de Sergipe”. Aos 20 anos, Zé Peixe torna-se oficialmente prático¹ que levava e trazia “navios até o porto, evitando pedras, bancos de areia e outras armadilhas do canal, um conhecedor profundo dos acidentes hidrográficos da área” (Santos, 2004, p. 514).

Segundo a publicação no *site* do Governo de Sergipe, “Zé Peixe ficou famoso pelo modo único de exercer essa atividade” (2013). O prático impressionava por suas

¹ A praticagem é o serviço de auxílio oferecido aos navegantes, geralmente disponível em áreas que apresentem dificuldades ao tráfego livre e seguro de embarcações de grande porte.

habilidades na água, demonstrava resistência e dedicação quando se dirigia até os navios em alto-mar. Nadando, não utilizava lancha. Caso o navio não tivesse ainda chegado, passava o dia, ou até mesmo a noite, em alto-mar, esperando a embarcação chegar para guiá-la até o porto. Nesses casos,

[...] o único equipamento que às vezes utilizava era uma prancha, que o ajudava a deslizar nas ondas até as embarcações situadas à distância maior, muitas vezes passava dia e noite aguardando os navios apoiado na boia (12 km da praia) até que a maré favorecesse o desembarque (Mello, 2014, p. 1141).

Quando os navios precisavam ser guiados do porto para o mar, subia a bordo das embarcações a guiar, cumpria sua função enquanto prático e, ao concluir seu trabalho, para voltar, pulava de alturas com 10, 12, 17 e 40 metros, momento que iniciava sua trajetória de volta sozinho, à distância de 12 a 13 quilômetros da terra firme. Diante desses saltos impressionantes, com a idade avançada, surpreendia pessoas desavisadas: “Certa vez, um comandante russo ordenou que o segurassem antes do salto, pois pensou que o mesmo estava fora de si”, como afirma o *site* Vila Aju.

Zé Peixe passa toda sua vida em sua casa na avenida Ivo do Prado, um lugar repleto de simplicidade e afeto às lembranças de seus pais:

É possível encontrar o verdadeiro calor humano, num ambiente de simplicidade, sem luxo, que cheira a mar e a antiguidade. Zé Peixe não se desfaz dos móveis que foram dos seus pais e, no seu quarto, uma peça enorme, muita madeira e detalhes nas aplicações: “Foi a cama em que nasci”, diz muito orgulhoso (Osmário, 2004, p. 517).

Diante disso, notamos a humildade de Zé, já que não era de seu costume aceitar ser entrevistado pelos jornalistas. Em sua humildade, não se achava uma pessoa com habilidades diferentes de outras pessoas ou até mesmo especial:

Avesso aos holofotes, ele raramente concedia entrevistas e, quando aceitava, respondia às perguntas com poucas palavras, para o desespero dos jornalistas. É que Zé Peixe não se via como uma pessoa especial ou diferente das outras, daí a estranheza quando lhe pediam uma entrevista (Meneghello, 2025).

Uma entrevista feita pelo *Jornal Nacional* em 2008 evidencia a casa onde Zé Peixe viveu, mostrando em suas paredes desenhos das embarcações que guiava em sua trajetória como prático. Zé Peixe fala que não tomava banho de água doce há mais de 50 anos. Outro hábito adotado por ele era a ausência de sapatos ou quaisquer outros tipos de sandálias, coisa corriqueira, assim como também tomava pequeno goles de água salgada:

Desde que começou a trabalhar no porto de Aracaju, Zé Peixe nunca mais tomou um bom banho de chuveiro. Para quê, se está sempre na água? Também

quase não bebe água doce. Gosta mesmo é de dar uns golinhos de água salgada nos trajetos que nada. “Faz um bem danado à saúde”, diz ele (Humberto, 2007).

Vislumbrando um pouco da perspectiva histórica de Sergipe, segundo Humberto DF (2007), Zé Peixe havia visto “na praia os corpos de náufragos de três navios bombardeados por embarcações alemãs na Segunda Guerra Mundial” (Humberto, 2007), salientando que, no ano de 1942,

ocorreram ataques nazistas na costa sergipana que provocaram mais de 500 (quinhentas) mortes entre homens, mulheres e crianças. Tais ataques foram considerados como um dos estopins que levaram o Brasil a participar efetivamente da II Guerra Mundial (Rosa, 2020).

Desse modo, o prático, comovido com os acontecimentos tristes, sensibilizou-se a realizar salvamentos: “a partir daí, ninguém nunca mais se afogou perto dele” (Humberto, 2007). O “Homem-Peixe” salvou diversas vidas, a exemplo de quando, aos domingos, se deslocava até a Atalaia velha, localizada na cidade de Aracaju, ficava por lá pronto para socorrer os possíveis afogamentos. É o que diz Osmário Santos (2004, p. 529). Aos 25 anos, em 1952, no *raid* Natal *versus* Rio de Janeiro, as águas estavam revoltas pelo mau tempo, Zé Peixe e sua irmã, Rita, salvaram três velejadores potiguares quando a lancha Atalaia naufragou (Mello, 2014, p. 1143). Osmário Santos (2004, p. 519) conta que o salvamento foi feito de maneira que Rita² trazia um náufrago e Zé outros dois. Com tamanho esforço, Zé Peixe não conseguiu salvar a lancha, o que ocasionou na suspensão do homem-peixe pelo comandante dos Portos.

Diante do heroísmo dos irmãos, embora Zé Peixe tivesse sido suspenso da sua função, a população do Rio Grande do Norte lhe agradeceu pelo salvamento. O avião da FAB trouxe uma medalha de ouro que foi recebida por Zé. Nela, constavam os seguintes dizeres: “Uma medalha de ouro, com os seguintes dizeres: ‘Raid Natal X Rio de Janeiro da iole Rio Grande do Norte. Gratidão do povo potiguar ao herói do naufrágio de Atalaia, José Martins Ribeiro Nunes, maio 1952’” (Santos, 2004, p. 519).

Para além da medalha recebida por Zé, os dois irmãos receberam um convite para passar 15 dias no Rio da Grande do Norte: “Foram muitas as homenagens e até foram

² Diante desse heroísmo, abrimos espaço para falar um pouco de Rita, figura que andava sempre ao lado do seu irmão, Zé Peixe. Nasceu em 23 de fevereiro de 1937 em Aracaju. Também se aventurava na travessia Aracaju-Barra dos Coqueiros, quando a atravessou pela primeira vez atrás de Zé Peixe, com apenas 7 anos. Após o salvamento dos remadores do Rio Grande do Norte, ficou conhecida em toda a cidade como Rita Peixe, nome que carregou até seu falecimento em 2 de fevereiro de 2022 (Santos, 2004, p. 379).

apresentados ao presidente da República” (Santos, 2004, p.19), que na época era Getúlio Vargas (1882-1954).

O heroísmo de Zé Peixe era constante, como no acontecimento do barco Mercury. O barco Mercury pegou fogo em alto-mar, e, enquanto o fogo se alastrava, Zé Peixe conduziu a embarcação, ignorando o risco de explosão, salvando a vida de toda a tripulação: “Zé pegou carona num rebocador, ligeiro chegou ao navio e conduziu a embarcação até um ponto onde todos pudessem saltar e nadar para terra firme” (Humberto, 2007).

Diante da praticagem e do heroísmo, Zé Peixe foi agraciado por diversos prêmios e medalhas. Além da medalha ao mérito vinda de Rio Grande do Norte, o Homem-Peixe também recebeu a medalha Almirante Tamandaré no ano de 1985. O prêmio foi concedido pelos seus 36 anos de trabalho no mar, homenagem feita pela Marinha, que:

[...] justificou a homenagem por considerar Zé peixe o prático que conduz com segurança os navios que demandam ou deixam o porto de Aracaju, afirmando que esse sergipano humilde contribui eficazmente para o cumprimento da missão da Marinha em Sergipe (Santos, 2004, p. 515).

Ademais, foi também homenageado com a Medalha de Ordem ao Mérito Sergip, uma importante condecoração do município de Aracaju. Também foi eleito como Cidadão Sergipano do Século XX. Zé Peixe ficou conhecido internacionalmente: “É certo que o porto de Aracaju não é lá muito movimentado. Mas, por causa de Zé Peixe, ganhou fama internacional, espalhada por navegantes de fora que lá atracaram. ‘Os gringos me chamam de Joe Fish’”, diz Humberto, 2007). O prático o Sergipano também foi tema de diversas matérias nacionais e internacionais: foi matéria na *Veja*, edição de 17 de dezembro de 1976. Na revista *Esportes e Náutica* de número 11 e outros jornais” (Santos, 2004, p. 515).

Diante de tamanho reconhecimento, Zé Peixe, aos 80 anos, foi convocado para conduzir em Sergipe a tocha dos jogos Pan-Americanos de 2007, que aconteceram no Rio de Janeiro. Ao lado de Edvaldo Nogueira (1961), prefeito da cidade de Aracaju na época, conduziu a tocha em uma lancha até o Iate Clube. Essa condução foi um momento também de homenagem a Zé, que não esperava o reconhecimento:

À margem do rio Sergipe, os sergipanos batiam palmas e gritavam o nome de Zé, conhecido pelos feitos heroicos em águas sergipanas. Ao final de sua participação, Zé Peixe, que confessou não esperar uma homenagem dessa magnitude após os 80 anos de vida, se disse muito feliz e satisfeito. Para Edvaldo Nogueira, a participação de Zé foi fundamental, pois se trata de uma figura histórica que prestou muitos serviços à população. Fizemos com que os

condutores da Tocha fossem representativos da sociedade aracajuana de todas as cores, raças e religiões. E ninguém melhor para representar o aracajuano do que Zé Peixe; ainda mais na passagem pelo Rio Sergipe (Aracaju, 2007).

Esse ato público, que trouxe os olhares do Brasil e do mundo, demonstrou a importância de Zé Peixe e reconhecimento do povo sergipano para com ele, como retratado no *site Aracaju Notícias*. Diante disso, nota-se o respeito que a população nutre pela figura de Zé Peixe e a valorização dos serviços por ele prestados ao longo de décadas no estado de Sergipe.

Contudo aos 82 anos, no ano de 2009, acometido pelos efeitos do Alzheimer, o prático sergipano solicitou o afastamento do seu serviço à Marinha, concedido em 13 de outubro:

Art. 1º Cancelar, de acordo com a subalínea 2), da alínea a), do item 0228 das Normas da Autoridade Marítima para o Serviço de Praticagem – NORMAM-12/DPC (afastamento definitivo por solicitação do interessado), aprovadas pela Portaria nº 30/DPC, de 23 de março de 2006, publicada no Diário Oficial da União, de 28 de março de 2006, o Certificado de Habilitação de Prático da Zona de Praticagem de Redes e Terminal Marítimo Inácio Barbosa (TMIB) (SE) - ZP-11, do Sr. JOSÉ MARTINS RIBEIRO NUNES. (BRASIL, 2006, art. 1º).

Aos 85 anos, em 2012, José Martins Ribeiro Nunes foi vítima de insuficiência respiratória. Viveu e morreu na sua casa de nascimento, sendo uma figura popular: “seu velório lotou a Igreja de São José com mais de 400 pessoas entre amigos, fãs, colegas e autoridades locais” (Sergipe Notícias, 2023).

Em seu último aniversário, no dia 5 do janeiro de 2012, Zé Peixe esteve presente na inauguração de um busto em sua homenagem na praça dos Heróis, na capitania dos Portos. Ademais, as homenagens continuaram após sua morte. Em 2015, foi criado em sua homenagem o Espaço Zé Peixe, localizado em Aracaju, na Avenida Ivo do Prado, dedicado a preservar a memória e a trajetória do prático sergipano. O local “[...] mostra a trajetória de vida do emblemático aracajuano, através da exposição de painéis do artista plástico Elias Santos, além de um busto de bronze do homenageado, peças e fotografias” (Aracaju, 2007).

As homenagens não param. No de 2013, o Instituto Banese realizou em conjunto com o Museu da Gente Sergipana uma notável demonstração de respeito e reconhecimento. O evento se intitulou “Zé Peixe: além das águas”. Esse momento contou com escultura, estudos de imagem e xilogravuras de Elias Santos, poesia de Araripe Coutinho, a literatura de cordel de Zé Antônio, João Firmino Cabral e Ronaldo Dórea, teatro infantil, além de figuras importantes como Jackson Barreto (ex-governador do

Estado de Sergipe) e a irmã de Zé Peixe, Rita-Peixe. A data da homenagem foi destinada também a inauguração de uma estátua que representa sua figura saltando nas águas. A estátua se encontra no Museu da Gente Sergipana, na capital sergipana. Além disso, o Instituto Banese lançou um documentário³ que apresenta depoimentos de amigos, conhecidos e jornalistas, além de registros que mostram como ocorreu o evento e destacam a trajetória e a importância de Zé Peixe.

O professor de História Rony Silva (2011) afirma que Zé Peixe se tornou uma figura folclórica. Zé Peixe pertence a uma coletividade de memórias, visto que diante de seus atos tornou-se uma pessoa conhecida. Para além disso, o prático sergipano também ganhou espaço literário no ano de 2009. Jeane Caldas, que assina seus trabalhos como Geane Aguiar, recebeu um convite do Comandante da Marinha Mercante, Carlos René Mateos, para lançar um livro. Aceitou o convite e lançou em 12 de março de 2009 *Zé Peixe, o menino do mar*, um livro infanto-juvenil que conta a história dessa figura aracajuana. Mas Zé Peixe não habita apenas a prosa. Existem outros textos, como o cordel sergipano *Zé Peixe o Amigo do Mar*, de autoria de João Firmino Cabral e Ronaldo Dórea, que conta a história do prático em 44 estrofes e finaliza com mais 5 estrofes escritas por João Firmino homenageando Rita Peixe. Ainda no contexto da literatura de cordel, há também o cordel *Homem Peixe*, de Zé Antônio, que retrata a vida de Zé Peixe, transformando-o de uma figura histórica em um personagem literário.

Dessa forma, para entendemos como a figura de Zé Peixe se apresenta nos cordéis produzidos pelos sergipanos cabe fazermos uma análise dos textos literários.

³ Disponível em: <https://youtu.be/FhXn9gDIuV4?si=H5xofwQznkRiopVi>. Acesso em: 27 ago. 2025

3 A VIDA DE ZÉ PEIXE REPRESENTADA EM DOIS CORDÉIS

Sabemos que não é raro encontramos na literatura textos destinados a homenagem de alguma pessoa, sobretudo figuras históricas de grandes feitos. A literatura de cordel, que tem como grandes marcas a oralidade e as rimas entre os versos, é uma das fortes fontes de eternizar alguém em forma de literatura. Dessa forma, a literatura oferece ao homenageado algo que retrate sua vida e/ou seus trabalhos e aos seus leitores uma visão singular sobre a pessoa retratada.

Pensando assim, Zé Peixe, que tinha uma enorme desenvoltura no mar como sua marca, é transportado para a literatura de cordel pela visão de dois cordelistas, João Firmino Cabral e Ronaldo Doréa, no cordel *Zé Peixe – o amigo do mar*. Os dois versam um cordel sobre a vida do prático falando sobre sua trajetória do nascimento até sua idade avançada.

João Firmino Cabral foi cordelista durante sua vida, nascido na cidade de Itabaiana/SE em 1º de janeiro de 1940 e falecendo em 1º de fevereiro do ano de 2023, em decorrência de uma leucemia. Começou a escrever aos 17 anos com a ajuda do poeta Manoel d’Almeida Filho, e seu primeiro cordel foi “A profecia sagrada do Padre Cícero Romão”, segundo Antônio Miranda (2020). Viveu em Aracaju exclusivamente da literatura de cordel e vendia os folhetos na banca na Passarela das Flores do Mercado Antônio Franco. Atualmente seu filho faz a mesma função no local. No ano de 2002, recebeu a medalha do Mérito Cultural Sergipy, concedida pela Prefeitura de Aracaju. Em 2003, tornou-se patrono da 1ª Cordelteca do Brasil. Um dos seus últimos fatos históricos foi tomar posse na ABLC, na cadeira 36, patronímica de Expedito Sebastião da Silva.

O segundo autor desse cordel, Ronaldo Doréa Dantas, é uma figura de grande importância e de referência na Literatura de Cordel sergipana. Nascido em 26 de outubro de 1944 na cidade de Aracaju, toda a trajetória de Dantas no cordel teve inspiração em seu avô, João Rodrigues, que lia cordéis à luz de candeeiros. Formado pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) como bacharel em Ciências Contábeis, contudo sua paixão era a literatura de cordel. Dantas é autor de inúmeros cordéis, sendo 11 deles voltados ao público infantil.

O dois cordelistas se juntam para homenagear a figura de Zé Peixe. O cordel *Zé Peixe – o amigo do mar* tem muito a nos dizer. Podemos notar que sua primeira parte do título faz referência ao apelido de José Martins Ribeiro Nunes, seu nome biografado. Contudo, segundo trecho, “amigo do mar”, nos mostra uma personificação do mar. Ao

fazer o uso desse recurso, os cordelistas nos mostram quão próximo do ambiente marítimo era Zé Peixe. Os cordelistas, ao usar a personificação para aproximar o prático do ambiente marinho, também o engrandecem, visto que, ao vislumbrarmos o tamanho do mar, associamos grandeza também à personagem.

Sabemos que “a literatura de cordel exige de seus produtores a obediência a regras, pelo modo peculiar do emprego de recursos de métrica, rima e oração” (Castro, 2021 p. 24), sendo assim, no que diz respeito ao aspecto formal, o folheto produzido por um cordelista contém 49 estrofes compostas por sete versos cada uma. O cordel é dividido em duas partes: uma primeira parte exclusivamente focada em Zé Peixe, e outra parte composta por 5 estrofes que versam sobre Rita Peixe. Os versos são construídos em heptassílabos, métrica bastante utilizada nos cordéis para favorecer a musicalidade e o ritmo marcado pela fluidez e oralidade.

Ainda sobre a estrutura do cordel, configurado na septilha, os cordelistas utilizam um padrão de rimas formado da seguinte forma: ABCBDDDB. Essa estrutura segue durante todo o cordel, mostrando a preocupação dos cordelistas em uniformizar a estrutura, a afirmação sobre a septilha e os versos em heptassílabos pode ser vista na estrofe que abre a narrativa do cordel:

Para escrever estes versos
Eu fitei o infinito
Pedindo a Deus para fazer
Um trabalho bem bonito
Falando da natureza
De sua imensa grandeza
E seu poder infinito (Cabral; Dantas, 2013. p. 8).

Além da estrutura descrita anteriormente, percebemos também a voz do eu lírico, que conta a invocação feita a Deus para poder escrever os versos. Notamos que essa estrofe serve de introdução para o que será contado nas 43 posteriores, e, ao pedir a Deus, o eu lírico demonstra a grandiosidade do que será contado. Ao usar as palavras “infinito”, “bem bonito”, “imensa grandeza” vemos que há uma grandiosidade no que será descrito, como é notado também no título do cordel ao colocar o mar como amigo de Zé Peixe. Vislumbrando ainda essa estrofe vemos que há outra coisa que pode ser notada, o eu lírico ao evocar um ser superior para escrever algo grandioso demonstra humildade, e assim como a narrativa será grandiosa do mesmo modo mesmo é a humildade do eu lírico que dá voz aos versos.

Na segunda estrofe percebemos do que tratará o cordel. No primeiro e segundo verso é apresentada a figura que dará título ao cordel. O nome completo da figura descrita, José Martins Ribeiro, traz uma certa formalidade ao cordel:

Vou falar de um sergipano
O José Martins Ribeiro
Que é falado integralmente
Quase no Brasil inteiro
Por Zé Peixe conhecido
Bom, modesto e destemido
O mar é o seu roteiro (Cabral; Dantas, 2013. p. 8).

Percebemos que no primeiro verso dessa estrofe é apresentada a identidade regional de José Martins, evidenciando a sergipanidade da figura que, no quinto verso, deixa seu nome formal e assume o apelido “Zé Peixe”. Segundo os versos do cordel o nome de Zé Peixe é falado no pelo Brasil inteiro, conhecido por ser uma pessoa boa, modesta e que não tem medo. Esse verso expõe a construção moral da figura retratada, já o seguinte mostra de forma sintética a proximidade com mar.

Nesse momento, fica relevante a análise sequencial das estrofes, visto que os versos apresentados mostram a construção biográfica de Zé Peixe, evidenciando que os cordelistas recorreram a uma figura histórica para fazer o cordel. Assim, o esforço se dá na intenção de registrar “fielmente” a vida dessa figura. As próximas estrofes começam apresentando a data de nascimento de Zé Peixe:

Dia 5 de Janeiro (1927)
Nosso Zé Peixe nascia
Tão forte como rochedo
Com coragem e energia
O mar virou seu enredo
De água não tinha medo
Era nela em que vivia

Seu pai Nicanor Ribeiro
Também um bom sergipano
Sua mãe dona Vectúria
Um casal lindo e humano
José um lindo menino
Mas já trazia o destino
De viver no oceano (Cabral; Dantas, 2013, p. 8).

Assim, na primeira estrofe os versos descrevem Zé Peixe como essa figura que, ao contrário da infância frágil do senso comum, já nasce forte, associado a um elemento da natureza para evidenciar sua força. Ademais, com os passar dos versos, vemos novamente a presença do mar. Ao analisarmos a estrofe por inteiro vemos que a vivência de Zé Peixe no mar começava desde da sua infância. Assim que nasceu, “o mar virou seu

enredo/ De água não tinha medo/ Era nela em que vivia” (Cabral; Dantas, 2013, p. 8). Percebemos a familiaridade com a água desde de sua infância, visto que os versos falam que Zé Peixe não tinha medo, e era na água que ele fazia morada.

Vemos também na estrofe seguinte outro momento em que no cordel há um teor biográfico, ao falar da origem familiar, começando apresentando o pai, Nicanor Ribeiro, e a mãe, dona Vectúria. Nesses versos vislumbramos “um casal lindo e humano” (Cabral; Dantas, 2013, p.8). Ao falar sobre os pais do menino essa estrofe volta com seu nome de batismo, “José”, destinado, segundo o verso, a viver no oceano.

Também, na estrofe de número cinco, notamos a presença de seu pai, o senhor Nicanor. Esses versos mostram de onde vinha a integridade de Zé Peixe, evidenciando que as características demonstrada em outros versos tem origem familiar:

Seu pai um homem decente
E de um sonho varonil
Que com a vida aprendeu
Ser educado e gentil
Zé foi muito elogiado
Por todos considerado
Melhor prático do Brasil (Cabral; Dantas, 2013, p. 9)

Os versos dizem também que Zé aprendeu as boas maneiras com a vida, e logo após a estrofe traz versos que evidenciam a excelência do prático em seu trabalho. Sendo assim, podemos chegar à conclusão de que assim como sua origem familiar desempenhou um papel de educação e bons valores, o trabalho também fez parte da construção de sua personalidade.

Seguindo com a análise do cordel, notamos a explicação do apelido dado a José Martins Ribeiro, alcunha que aparece desde a segunda estrofe desse cordel. Assim, podemos entender que essa alternância entre nome de batismo e o apelido também se deve à métrica característica do cordel, o heptassílabo, que é mantido por todo o cordel. Outrossim, vemos na estrofe a relação do homem com seu apelido:

Recebeu um apelido
Que a todos convenceu
De tanto viver no mar
Esse nome alguém lhe deu
Seu Aldo, um bom comandante
Deu-lhe um título interessante
Foi Zé Peixe o nome seu (Cabral; Dantas, 2018, p. 9).

O segundo verso mostra que a sua relação com o mar já era notada pelas pessoas, mas foi o comandante Aldo que lhe presenteou com o apelido. Relacionando a pessoa de José

Martins a um peixe por sua maestria nas águas, esse trecho reafirma a identidade da figura que se consolida como algo que pertence ao ambiente marinho.

Com Zé Peixe na Marinha sua vida no mar, como prático, já estava oficializada. Nas estrofes seguintes vemos um dos episódios de heroísmo de Zé abordado no cordel:

Um dia houve um naufrágio
Ficou o povo assustado
Os rádios naquela época
Deram este triste recado
Zé Peixe e a mana Rita
Tinha saído da fita
O mar os tinha tragado

Um reboiço tremendo
Uma enorme confusão
Todo mundo só falava
Na morte do Campeão
Ele que viveu no mar
Ia nele se acabar
Foi essa sua missão

Depois de hora de luta
Pra salvar a embarcação
Nosso Zé apareceu
Dando boa explicação
Que lutou e se esforçou
Porém o barco afundou
Seu esforço foi em vão (Cabral; Dantas, 2013, p. 12).

Na primeira estrofe apresentada vemos que após um naufrágio Zé Peixe e sua irmã, Rita, vão para o mar. A narrativa continua na segunda estrofe mostrando uma reverberação acerca da suposta morte do homem que viveu no mar. O tom de finalização se dá no último verso, “Foi essa sua missão” (Cabral; Dantas, 2013, p. 12), denota que Zé Peixe tinha finalizado sua trajetória no mar. A última estrofe quebra o desespero ao mostrar a volta de Zé Peixe, que tenta salvar a embarcação, mas que não consegue.

Zé Peixe, diante de sua coragem e familiaridade com o mar, não para com os atos heroicos:

Zé mostrou seu heroísmo
Quando um dia em alto mar
Vendo no barco Mercury
O fogo se alastrar
Antes de afundar então
Zé conduz a embarcação
E a todos veio a salvar

Essa ação foi divulgada
Pelo rádio transmitida
O povão tava ligado

Pois se tratava de vida
O Zé diz com muita paz:
-Eu não fiz nada de mais
Faz parte de minha vida (Cabral; Dantas, 2013, p. 14).

Na primeira estrofe notamos a eficácia de Zé Peixe em salvar todos os que estavam na embarcação. Nos versos seguintes vemos a grande repercussão que o ato heroico tomou, contudo a voz que narra a vida de Zé Peixe se afasta e deixa que, nesse momento, a personagem do cordel fale: e “-Eu não fiz nada de mais/ Faz parte de minha vida” (Cabral; Dantas, 2013, p. 14). Dessa forma, evidenciamos que o ser biografado no cordel transborda para a narrativa da literatura de cordel em fala direta.

Ainda sobre a análise, observamos que no momento em que o cordel foi inscrito Zé Peixe, figura histórica, ainda estava vivo:

O Zé já estar bem idoso
Quase nem pode nadar
Porém seu netinho Kiko
Pensa de continuar
Será o seu sucessor
Pois de nada tem pavor
Se sente feliz no mar

Aqui foi minha homenagem
A um grande sergipano
Homem de muito talento
Forte como um oceano
O mar foi seu brinquedo
Seu mistério, seu segredo
Sem mágoa e sem desengano (Cabral; Dantas, 2013, p. 17-18).

Por fim, essa última estrofe da primeira parte do cordel demonstra que os cordelistas falam pelos que homenageiam Zé peixe, finalizando o cordel retomando com algumas características citadas ao longo do texto.

Dessa forma, como percebemos o cordel Zé Peixe – o amigo do mar revela a trajetória de um sergipano que dedicou sua vida ao mar, seja como afinidade prazerosa em estás nas águas, seja como prático que carregou o título de o melhor do Brasil. Ademais, notamos um destaque de João Firmino Cabral e Ronaldo Dória Dantas e para os eventos marcantes da vida de Zé Peixe.

Ainda seguindo a perspectiva da literatura de cordel servir como meio para homenagear ou imortalizar, também trabalhando com a figura de Zé Peixe, Zé Antônio lança o cordel *O homem-peixe*, composto por 48 estrofes em sextilha e rimas configuradas pelo XAXAXA, estrutura utilizada pelos cordelistas para rimar apenas os versos pares.

José Antônio dos Santos – Zé Antônio – nasceu em Moita Bonita/SE em 9 de agosto de 1955. Professor de História e cordelista, na data da publicação do cordel *O homem-peixe*, já tinha 60 cordéis publicados. No ano de 2006 foi premiado com o 1º lugar no prêmio Nacional de Literatura de Cordel, concurso promovido pela fundação cultural do Estado da Bahia, com o cordel *O bandido Cabeleira – O amor de Luisinha*.

Debruçando-nos sobre algumas estrofes do cordel, notamos que Zé Antônio começa seu cordel recorrendo a algumas lendas nordestinas, como a do lobisomem. Contudo essas histórias populares servem de contraste para o que será abordado e introduzido na terceira e quarta estrofe: a história de Zé Peixe:

Essas histórias são lendas
Que no sertão tem um feixe
Na trilha da poesia
Causa um grande “remeleixe”
Porém eu vou descrever
A história do Homem-Peixe

Essa história não é lenda
É história verdadeira
O homem Peixe é o zé
Que não mora na ribeira
Vive no rio Sergipe
Mesmo sem ter nadadeira (Antônio, 2013, p. 8).

Notamos aqui que o autor do cordel destaca a figura de Zé relacionando-a um homem peixe, mas afirma que a história que será narrada no cordel não se tratará de algo lendário. Ao introduzir que contará a história de um Zé, o cordelista Zé Antônio também dará seu nome de batismo, visto que a estrofe traz um caráter biográfico. Vejamos:

José Martins Ribeiro Nunes
Foi ele assim batizado
Filho de seu Nicanor
Um cidadão respeitado
Que chegou mesmo a ser
Secretário do Estado (Antônio, 2013, p. 90).

Percebemos que o primeiro verso traz o nome completo de José Martins Ribeiro Nunes. A estrofe afirma que esse era o nome de batismo de Zé Peixe, assim como também afirma o nome de seu pai, Nicanor, trazendo novamente relações históricas ao cordel juntamente (o dado de que o senhor Nicanor foi secretário do Estado). Assim como na estrofe seguinte que irá apresentar a mãe do homem peixe, Dona Ventúria:

Sua mãe Dona Ventúria
Martins Com muita alegria
Viu o seu filho crescer

Com destreza e simpatia
Só não sabia que o Zé
Seria peixe um dia (Antônio, 2013, p. 10).

Ao trazer a figura materna, Dona Ventúria, o cordelista relata o ambiente afetivo da figura central desse cordel, fazendo com que, ao passar das estrofes, possamos entender de onde vinha algumas características de Zé Peixe, como a humildade e a simpatia.

O cordel, mantendo seu caráter biográfico, traz também uma pequena parte que irá versar acerca da profissão de José Martins. Apenas duas estrofes falam sobre a profissão que o homem peixe exerceu há mais de 50 anos, tomando como norte o lançamento do cordel. As duas estrofes mostram como era feito o trabalho:

José Martins Ribeiro Nunes
De nome assim registrado
É um prático da marinha
Um marinheiro da afamado
Navios até o porto
Ele vai guiando a nado

Há mais de 50 anos
Exerce essa profissão
Nunca utilizou lancha
Pra guiar embarcação
E desatraca navios
Com força de tubarão (Antônio, 2013, p. 10).

Nos trechos apresentados, notamos a ênfase na excelência de José Martins como prático, também sua experiência no trabalho, assim como sua afinidade com as águas ao se falar que “Nunca utilizou lancha” (Antônio, 2013, p. 10). Para além dessa breve descrição acerca da praticagem exercida pelo homem peixe, o cordel se volta de forma mais intensiva para o heroísmo praticado desde cedo por Zé Peixe:

Aos oito anos de idade
Zé já estava em ação
Presta primeiros socorro
Pra salvar um avião
Que era uma nave aquática
Fazendo amerissação

A nave aquática amerrisava
E sofreu um acidente
Zé Peixe pegou um bote
Muito prático e valente
E já pegou um bilhete
Do piloto eminente (Antônio, 2013, p. 12).

Vislumbrando as estrofes expostas, o cordel enfatiza a prontidão de Zé peixe, ainda menino, em entrar em ação e prestar os primeiros socorros. Ao lermos o restante do

cordel, notamos que o cordelista quer destacar os atos heroicos de Zé Peixe, visto que introduz esse primeiro ato e continua relatando outros feitos semelhantes.

Ainda em tom biográfico e focando nos atos heroicos de Zé Peixe o cordel também relata um episódio que Sergipe viveu quando um torpedo alemão atacou um submarino em Sergipe (Oliveira, 2017). O cordel recorre a esse fato para falar da coragem de Zé Peixe:

Na segunda grande Guerra
Houve um torpedo alemão
No nosso rio Sergipe
Ocorrendo a explosão
De três dos nossos navios
Não ficou vivo um cristão

Os corpos dentro do rio
Zé ajudou a resgatar
Nadava e mergulhava
Sem medo de se afogar
Até a praia levava
Os corpos pra sepultar (Antônio, 2013, p. 14).

Percebemos que o cordelista insere Zé Peixe no contexto histórico da Segunda Guerra Mundial, sobretudo no episódio do ataque que ocasionou a morte de todas as pessoas presente nas embarcações: “não ficou vivo um cristão” (Antônio, 2013, p. 14). Ademais, o cordel retrata a coragem de Zé Peixe ao resgatar os corpos do rio, trazendo-os para terra firme. Contudo, o heroísmo de Zé Peixe não acaba aqui:

De outra feita um petroleiro
Incendiou-se no mar
Pra socorrer o navio
Foram o Zé Peixe chamar
Zé nada até o navio
Para o desencalhar

O navio ardia em chamas
Mas, Zé toma a direção
Do navio e conduz
Com prática e com precisão
Do navio apaga as chamas
Sem medo da explosão (Antônio, 2013, p. 16).

Assim, vemos que mais uma vez a figura de Zé Peixe protagoniza um ato heroico, ao socorrer um petroleiro que estava em chamas. O feito mostra a desenvoltura do prático no mar, além da coragem e bravura. Vemos também no quarto verso da primeira estrofe citada, que a população já o reconhecia suas habilidades e exercícios no mar:

Zé Peixe é herói
De grande força e destreza

Zé Peixe é um prodígio
Da nossa mãe natureza
Obra de Deus soberano
Em toda a sua grandeza (Antônio, 2013, p. 17).

Nesse trecho, que o cordel reforça a ideia de Zé Peixe como herói, exaltando sua força e associando-o a uma criação de Deus como prodígio da natureza. A referência a natureza e a Deus consolidam a figura de Zé Peixe como herói. Mas afirma que Zé Peixe não seria uma lenda, mas um homem que diante de tantos feitos e habilidades tornou-se singular:

Mas, Zé Peixe não é lenda
É um homem singular
Deve ter sido gerado
Pela mãe Iemanjá
É um homem, é um peixe
Nas correntezas do Mar (Antônio, 2013, p.13).

Dessa forma, Zé Peixe não seria uma lenda, mas um homem com uma trajetória de vida regada de coragem, bravura e intimidade com a água.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho busca evidenciar como histórias de vida engrandecem literatura, da mesma forma que a história sergipana pode ser inspiração para a literatura, nesse caso os folhetos de cordel que unem fatos com elementos literários. Ao analisar os cordéis, a análise fundamenta-se no estudo de Márcia Abreu, que estuda a diferença entre os cordéis brasileiros e o europeu. Sendo assim, defende que o cordel do Brasil traz uma originalidade, e não é uma mera reprodução europeia.

Na análise, fazemos uso também dos textos de Antonio Candido, que, em *A personagem do romance*, mostra a construção desse elemento narrativo e como ele se configura na visão do escritor. A leitura desse texto foi fundamental para entendermos como se configura a personagem em obras literárias.

Ademais, a análise desenvolvida permitiu compreender que a construção literária da personagem não se limita apenas a ficção. Sendo assim, os cordéis também podem trazer traços biográficos, a exemplo desse que versaram sobre Zé Peixe. O estudo mostrou que é possível preservar a história em textos literários, fazendo com que pessoas e fatos não sejam esquecidos.

Em síntese, conclui-se que os dois cordéis estudados, *Zé Peixe – o amigo do mar* e o cordel *o Homem-Peixe* desempenha papel essencial para preservar a memória do povo sergipano, ao criar cordéis que versam sobre a vivência de pessoas que nasceram e fizeram história em Sergipe. Além disso, os dois cordéis constroem uma imagem de uma personagem corajosa e humilde que está sempre disposta a salvar pessoas à sua volta, assim percebemos familiaridades entre as personagens que habitam os cordéis. Também notamos as referências históricas capturadas pelos cordelistas para construção dos folhetos como: Zé Peixe e a Segunda Guerra Mundial. Por fim, os folhetos não apenas entretrêm, mas relata ensinamentos históricos e próprios da cultura sergipana.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. 4. ed. atual. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

AGUIAR, G. “Zé Peixe, o menino do mar”. *Sinhá de Preta*, 4 mar. 2009. Disponível em: <https://sinhadepreta.blogspot.com/2009/03/ze-peixe-o-menino-do-mar-por-g-aguiar.html>. Acesso em: 22 ago. 2025.

ARACAJU (SE). Passagem da tocha mobiliza população aracajuana e homenageia personalidades locais. Prefeitura de Aracaju, 10 jun. 2007. Disponível em: <https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/22388/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **Estética da criação verbal**. Tradução a partir do francês Maria Emsantina Galvão G. Pereira. Revisão da tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Coleção Ensino Superior).

BRASIL. Diretoria de Portos e Costas. *Portaria nº 30/DPC, de 23 de março de 2006*. Aprova as Normas da Autoridade Marítima para o Serviço de Praticagem – NORMAM-12/DPC. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 28 mar. 2006.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 51-80.

CASTRO, Elisama. A perspectiva política da poesia de Patativa do Assaré: análise do cordel Antônio Conselheiro. Araguaína, 2021.

DF, Humberto. Zé Peixe. *Recanto das Letras*, 27 mar. 2007. Disponível em: <https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/427348>. Acesso em: 22 ago. 2025.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

INSTITUTO BANESE. Zé Peixe: além das águas. [S. l.]: Museu da Gente Sergipana, 2021. 1 vídeo (7 min 36 s). Publicado pelo canal Museu da Gente Sergipana. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FhXn9gDIuV4>. Acesso em: 27 ago. 2025.

MENEGHELLO, Luciano. Zé Peixe, uma vida ligada ao mar. *Aloha Spirit Mídia*, 23 jul. 2025. Disponível em: <https://alohaspiritmidia.com.br/perfil/ze-peixe-vida-ligada-ao-mar/>. Acesso em: 12 ago. 2025.

O GLOBO. Alemanha de Hitler ataca navio Baependi no Nordeste e mata 270 brasileiros. *Acervo O Globo*, 15 ago. 2017. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/alemanha-de-hitler-ataca-navio-baependi-no-nordeste-mata-270-brasileiros-21694808>. Acesso em: 19 nov. 2025.

ROSA, Roberta da Silva. “Fragmentos de um passado esquecido”: Sergipe na II Guerra Mundial. *Blog Coluna Getempo*, 10 de dezembro de 2020. Disponível em:

<https://getempo.org/2020/12/10/fragmentos-de-um-passado-esquecido-sergipe-na-ii-guerra-mundial/>. Acesso em: 25 ago. 2025.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 9-50.

SANTOS, Osmário. Rita: mulher de muitas histórias. In: SANTOS, Osmário. **Oxente! Essa é a nossa gente**. Aracaju: Editora ÓS, 2004. p. 379-384

SANTOS, Osmário. Zé Peixe: o folclórico prático do Brasil. In: SANTOS, Osmário. **Oxente! Essa é a nossa gente**. Aracaju: Editora ÓS, 2004. p. 514-519

SILVA, Anazildo Vasconcelos da; RAMALHO, Christina. **História da Epopeia Brasileira: Teoria, Crítica e Percorso**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

SILVA, Michel Victor dos Santos; SILVA, Queite de Oliveira Souza e. **Biografia e autobiografia em cordel: teoria e prática**. Aracaju: Criação Editora, 2022.

SILVA, Rony. Zé Peixe: 11 anos que um homem se tornou um mito. Sergipe Notícias, 29 abr. 2023. Disponível em: <https://www.sergipenoticias.com/cultura/2023/04/30427/ze-peixe-11-anos-que-um-homem-se-tornou-um-mito.html>. Acesso em: 22 ago. 2025.

TERRA, Ruth Brito Lemos. **Memórias de lutas: literatura de folheto do Nordeste (1893-1930)**. São Paulo: Global, 1983.

VILA AJU. Conheça Zé Peixe em Sergipe. Disponível em: <https://vilaaju.com.br/conheca-ze-peixe-em-sergipe/>. Acesso em: 25 ago. 2025.